

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA E NA FAMÍLIA COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO E AMADURECIMENTO DO CRISTÃO

Bruno Luiz Gomes Gonçalves⁴

RESUMO

A proposta do artigo elege por finalidade investigar como alguns erros no processo educacional podem causar confusão, indiferença, dependência emocional e intelectual do cristão. Além disso, verificou-se a base bíblica para o mandato educacional da igreja e da família. Em relação à igreja, foi feita uma análise sobre as palavras ditas por Jesus no Evangelho de Mateus. 28.18- 20 e o seu caráter permanente para a igreja. Dentro desse mandato educacional, das análises bibliográficas feitas, foi possível identificar que no pleno desenvolvimento do ser humano, dentro da cosmovisão cristã, faz-se essencial que a atividade pedagógica da igreja seja cumprida de uma certa e com um certo conteúdo. Tratou-se, também, sobre como a contextualização tem um papel importante no anúncio das boas novas. No que tange à família, buscou-se traçar o papel desta no processo educacional do indivíduo e como esse papel se relaciona com a igreja. Defendeu-se que a finalidade da educação é o aperfeiçoamento dos cristãos em santidade, objetivando a formação de uma sadia cosmovisão cristã.

Palavras-chave: Educação; Aperfeiçoamento; Família; Conhecimento de Deus; Mandato educacional.

INTRODUÇÃO

A educação cristã precisa ser presente, firme e eficiente na vida daquele que deseja ter uma fé bíblicamente solidificada. Contudo, não é incomum observar que muitas vezes existe um equívoco sobre o que de fato é educação cristã. No presente trabalho serão tratados alguns erros cometidos no processo educacional, bem como o papel da igreja e da família nesse processo.

A intenção é discutir sobre como a igreja ao invés de promover um ensino bíblico de qualidade, concentra-se em coisas diversas (quantidade de membros, valores arrecados em cada reunião, eventos, relevância política da liderança, entre outros), que mais se assemelham com metas de marketing multinível. Isso pode

⁴ Pós-graduado em Teologia e Literatura pelo Instituto Reformado de São Paulo. Cursou Teologia no Seminário Teológico Betel. Bacharel em Direito pela Universidade Federal Fluminense. Email: blgomes.adv@gmail.com

refletir de maneira análoga a uma igreja de semeados entre os espinhos, como relata a parábola de Jesus em Marcos 4.18-19.

A família, por outro lado, não pode simplesmente delegar à igreja um importante papel que também lhe cabe. Afinal, a família é a maior instituição missionária existente. No tópico específico, serão vistos os fundamentos bíblicos que sustentam a necessidade da família se integrar e participar ativamente da educação. A metodologia a ser utilizada é a análise bibliográfica de autoridades no assunto da educação cristã, bem como a análise textual das Escrituras Sagradas.

1. UMA PROBLEMÁTICA CADA VEZ MAIS APARENTE

Gatto⁵ traz interessante crítica sobre como o método de ensino em massa acaba por gerar nos alunos confusão, indiferença e dependência. A respeito disso, Gatto alerta que:

A primeira lição que ensino é a confusão. Tudo que ensino está fora de contexto. Eu ensino a não-relação de tudo. Eu ensino desconexões. Ensino excessivamente: a órbita dos planetas, a lei dos grandes números, escravidão, adjetivos, desenho arquitetônico, dança, ginástica [...] – completamente diferente do que acontece no mundo real. O que todas essas coisas têm a ver com as outras (Gatto, 2019, p. 42).

Na igreja a falta de contextualização de passagens e histórias da Bíblia conduz alguns cristãos a percepções que não foram pretendidas. Histórias bíblicas desconexas da verdade escrita, sentidos alterados e, na maioria dos casos, a não-relação entre o que é ensinado. Além disso, muitos líderes (por falta de conhecimento ou por vontade de manipular o texto) acabam por tirar conclusões inverídicas, através apenas de mudar o contexto no qual determinada passagem está inserida. No ponto da indiferença, Gatto detalha o seguinte:

Ensino as crianças a não se importarem muito com nada, embora seja desejável parecer que se importam. A maneira como faço isso é muito sutil: exijo que estejam totalmente envolvidas nas minhas aulas, pulando de empolgação nas suas carteiras, competindo energicamente pela minha benevolência. É tocante quando fazem isso. Impressiona a todos, inclusive a mim. Quando dou meu melhor, planejo aulas com muito cuidado para produzir essa demonstração de entusiasmo. Mas quando o sinal toca, insisto para que parem o que estamos fazendo e prossigam rapidamente para a próxima estação de trabalho. Elas devem ligar e desligar como um interruptor. Nunca se terminada de importante, nem na minha e, que eu saiba, nem em

⁵ Disponível em: <https://videeditorial.com.br/emburrecimento-programado?search=gatto>. Acessado em 24 de março de 2025.

nenhuma outra sala. Os alunos nunca passam por uma experiência completa, tudo é dividido em prestações (Gatto, 2019, p. 45).

Em uma aula de escola bíblica para adultos e para crianças, bem como em uma pregação, é muito satisfatório quando se tem a atenção de todos. Olhos e ouvidos atentos para aquilo que será ensinado e ministrado. Em uma sala de escola bíblica, contudo, não cabe ser um espaço para uma relação tão unilateral quanto é no púlpito. Não se trata aqui de uma crítica às pregações modernas, mas de uma análise como de fato é: apenas uma parte se manifesta. Agora, em uma escola bíblica há espaço para troca entre o professor e os alunos. É o momento oportuno para tratar com maior profundidade de temas tão necessários. Ministrar verdades que acompanharão os alunos por toda uma vida.

No tópico das dependências, o autor faz uma distinção entre dependência emocional e intelectual. Veja-se, respectivamente

Através de estrelinhas, riscos de caneta vermelha, sorrisos, testas franzidas, prêmios, honras e desgraças, ensino as crianças a cederem sua vontade à cadeia hierárquica adequada [...] A individualidade está sempre tentando se auto-affirmar entre crianças e jovens, então faço meus julgamentos grosseira e abruptamente. A individualidade é uma contradição da teoria de classes, uma maldição a todos os sistemas de classificação [...] Bons alunos esperamos professores dizerem o que devem fazer. Esta é a lição mais importante de todas: devemos esperar outras pessoas, mais instruídas do que nós, dar sentido às nossas vidas. O especialista faz todas as escolhas importantes. Somente eu, o professor, posso determinar o que meus alunos devem estudar, ou melhor, somente as pessoas que me pagam podem tomar tais decisões, que eu então executo (Gatto, 2019, p. 46, 46-47).

Na dependência emocional, por vezes vê-se um incentivo a total padronização, ainda mais quando se trata de crianças. É evidente que existem práticas que devam ser orientadas e reforçadas, como, chegar no horário correto da aula, levar a Bíblia e fazer as lições que são passadas. O problema em si se concentra nesse sistema de premiação, de “estrelinha dourada” ao aluno. Como se a mera observância disso o faria ser um cristão melhor, o que não faz.

Já no aspecto da dependência intelectual, a situação acaba por ser um pouco mais complexa. É fato que as igrejas têm as suas diferenças denominacionais. Mas isso não pode impedir o diálogo, a conversa e o questionamento. Além disso, o momento de escola bíblica é sim a oportunidade para fazer o aluno se sentir ouvido, participativo da aula e, dentro de uma razoabilidade, trazer seus conhecimentos e experiências. É dessa que forma que eventuais erros ou distorções também podem ser identificados e apontados para a reflexão. Em um ambiente que não há essa

abertura, os erros continuarão lá, escondidos e criando raízes cada vez mais profundas naquela vida.

De acordo com Chaves, a problemática de um ensino eficiente esbarra em questões como a falta de prioridade do professor/educador, demasiada ênfase no empirismo, constante improvisação (o que pode ser uma consequência direta da falta de prioridade), falta de organização, falta de preparo, falta de planejamento das aulas, equipamentos e salas inadequados e programa educacional inexistente ou mal divulgado (Chaves, 2017, p. 78-89).

2. O MANDATO EDUCACIONAL DA IGREJA

A compreensão do mandato educacional como missão da igreja encontra respaldo no Evangelho de Mateus 28.18-20, no que ficou conhecido como a “Grande Comissão” (Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos ⁶”).

Em primeiro lugar, pode-se verificar que, conforme aponta Fontes, o público de Jesus é bastante exclusivo (Fontes, 2018, p. 78). A ordem foi dada para aqueles que acompanhavam de perto o ministério de Jesus, os seus onze discípulos (Mt 28.16; Mc 16.14). Em segundo lugar, as palavras utilizadas por Jesus detalham com clareza o desejo do mestre para os seus discípulos, esclarecendo tanto o que eles deveriam fazer quanto o como. Fontes esclarece, ainda, que as palavras de Jesus foram ditas no momento final de seu ministério terreno, o que, segundo o pastor, carrega o tom de gravidade e urgência comuns às palavras ditas na despedida.

Para Andrade, ao analisar essa passagem da Grande Comissão, é possível identificar que no “âmbito do Reino de Deus, evangelizar é o mais perfeito sinônimo do verbo educar” (Andrade, 2022, p. 14). De acordo com esse autor, quando a igreja deixa de exercer o seu mandato educacional, deixa de influenciar o mundo. É através desse mandato que a igreja exerce o seu papel de agência educadora por excelência do Reino de Deus. A proclamação do evangelho e a ação do discipulado exprimem o exato teor do mandato educacional.

⁶ BÍBLIA, Bíblia Vida Melhor. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014, p.787

Ainda, para Andrade, esse mandato não veio com prazo de validade restrito aos cristãos da igreja primitiva, ou de primeira geração. O mandato deve ser observado até que ele venha novamente (Mt 24.14). Jesus declara que as boas novas anunciasas deverão ser pregadas para todos, como testemunhos às nações, e então viria o fim. Ademais, o mandato não estava restrito a uma localidade específica ou povo específico, mas sim a todas as nações (Mt 28.19).

3. A NECESSIDADE DE CONTEXTUALIZAR O ENSINO NA IGREJA

Ainda sobre o mandato educacional da igreja, é necessário que se tenha atenção em relação à correta contextualização durante esse processo. Por conta disso, de forma breve, são apresentados algumas características e alguns princípios gerais da atividade pedagógica da igreja. Em primeiro lugar, ressalta-se a necessidade de essa atividade pedagógica ser cumprida de forma processual e organizada. Precisa ser intencional e previamente refletida. A desorganização e constantes improvisos podem gerar lacunas no entendimento no novo convertido sobre aspecto basilares.

Em segundo lugar, conforme Fontes, o ensino deve ser abrangente. Para o pastor, o “conteúdo da educação é tudo aquilo que Jesus ordenou” (Fontes, 2018, p. 83). Ao longo das Escrituras Sagradas se fazem presentes diversas palavras e ministrações de Jesus são atemporais, essenciais para os dias atuais. Isso precisa ser passado para cada discípulo. Ainda que o momento da sua declaração de fé tenha se dado em algum contexto fora das mensagens de Jesus. Essas palavras precisam fazer parte do ensino da igreja.

Para Fontes em terceiro lugar, é de que Jesus não estava limitado ao conhecimento intelectual. O cristão não deve se limitar a conhecer, decorar e conceituar, mas a guardar. Para Fontes, essa consideração implica que a igreja deve apresentar o ensino de Cristo às mais diversas dimensões e áreas da nossa humanidade.

A contextualização, também, guarda relação na forma como o ensino será transmitido. Por vezes, alguns cristãos tentam demonizar e espiritualizar tudo no momento do ensino. Isso é perceptível naqueles pregadores e educadores que estão declararam que tudo está perdido. Madaleno chama isso de contextualização combativa

(Madaleno, 2022, p. 284), que mais causa estrago na vida dos outros do que promove transformação e real mudança de vida.

Outro tipo de tentativa de contextualização que deve ser evitada é a moderna, recente e extremada resposta que muitos outros líderes, pregadores e educadores estão dando à essa contextualização combativa. Trata-se de uma abordagem que até consegue dialogar muito bem com a cultura vigente, mas é demasiadamente passiva, sem impacto significativo. Existe uma permissividade com o pecado, em que tudo é cultural. Não há posicionamento bíblico robusto, mas sim uma releitura relativa das Escrituras. É o liberalismo que é fraco ao se posicionar e que estar bem com todos os de fora, mesmo quando o assunto são os princípios fundamentais da fé (Madaleno, 2022, p. 284-285).

Madaleno (2022, p. 285) apresenta a contextualização ativa, na qual essa abordagem se vale de elementos que podem ser resgatados da cultura para perfurar uma barreira ao evangelho e que desafia aqueles pontos que são contrários ao evangelho. Para o pastor é importante verificar e analisar aquilo da cultura que dialoga e é consonante com as verdades bíblicas, contudo, não se pode deixar de convidar as pessoas a refletirem sobre o que está errado, explicar e convidá-las a ter um compromisso com Jesus. Madaleno reforça que nessa contextualização a igreja constrói um diálogo eficiente, não deixando de desafiar alguns aspectos culturais contrários às Escrituras Sagradas, de modo que se apela ao compromisso à mudança, à transformação, passando sempre pelo arrependimento.

4. A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Como já visto exaustivamente, a educação cristã não se resume ao ensino da Bíblia. Também é, mas não só. Refere-se ao pleno desenvolvimento (emocional, espiritual, social, afetivo etc.), a partir de uma cosmovisão cristã. Dentro desse pleno desenvolvimento, além do importante papel da igreja, é preciso tratar também do da família.

Muitos pais acreditam que já não é preciso educar os filhos. As escolas dão o ensino formal e a igreja a parte espiritual. O que sobraria para pais leigos ensinarem a seus filhos? Muitos, ainda, se contentam apenas em demonstrar-lhes bondade. Alguns ainda caem na armadilha de adorar o próprio filho. Pequenos reis e rainhas que não podem ser contrariados, repreendidos e nem discipulados.

Não é incomum ver jovens ingratos que um dia foram crianças que viveram, recebendo tudo sem agradecer e nem retribuir o favor feito. Até um tempo atrás era possível ver uma divisão na família, em que os adultos tomavam as decisões e os filhos aceitavam. Tinham alguns exageros, sim, de modo que a vontade dos pequeninos também precisava ser considerada. Em resposta a essas questões, em muitos casos, os papéis se encontram invertidos. Pais e mães que são submissos às vontades e aos desejos de seus filhos.

Essa tem sido a triste realidade de muitos pais, ainda mais na cultura ocidental. De acordo com Enkvist, “é necessário que o adulto diga à criança como ela deve se comportar. Evidentemente, deve-se escutar a criança ou o aluno antes de reagir a qualquer infração das normas formuladas” (Enkvist, 2020, p. 22). A autora deixa bem claro que a contrariedade das regras deve ser apontada e explicado o motivo pelo qual determinada conduta não é aceitável.

Em consonância com as palavras de Enkvist, o texto bíblico é bem claro ao relatar a necessidade de repreensão, não para demonstrar uma superioridade do pai ou mãe em relação ao filho, mas para corrigir (Pv 4.1, 13.24, 15.5, 22.6. 29.15; Ef 6.1, 6.4, Hb 12.7).

De acordo com Enkvist (2022, p. 23), é dever dos pais afastar seus jovens de ambientes destrutivos até que amadureçam. Do contrário, se tiverem contato apenas com outros imaturos, muito provavelmente isso retardará o amadurecimento. A Escritura Sagrada adverte sobre assentar-se na roda dos escarnecedores, exortação presente no Salmo 1, no qual se declara o quanto feliz é aquele que não imita a conduta dos pecadores, nem toma assento na roda dos zombadores.

De acordo com Fontes (2018, p. 56), “a família exerce influência sobre a vida de um indivíduo desde os primeiros momentos de sua vida”. As primeiras impressões de uma criança sobre Deus, sobre si própria e sobre os outros são obtidas no seio familiar. Para esse autor, a família é um ambiente natural de afeto e confiança. É natural do ser humano estar aberto a aprender de pessoas que ama e confia. Da mesma forma que é normal fechar-se para o aprendizado de pessoas por quem se nutre alguma antipatia.

Fontes (2018, p. 57), ainda, ressalta que “a maior parte da educação ministrada pela família é informal”, de modo que esse ensino leva vantagem sobre o do tipo escolar, já que na escola há uma constante necessidade de, além de ensinar,

relacionar aquilo que foi ensinado com as questões práticas da vida real. Na família, o ensino é, por si só, sobre as questões práticas da vida. Por fim, Fontes afirma que a família é um ambiente no qual o aprendizado se faz essencial.

Segundo Fontes (2018, p. 57), em outras instituições, como igreja e escola, uma pessoa pode escolher se irá se submeter ou não às ministrações propostas. Nos casos de desconforto e desacordo, é possível, com certa facilidade, trocar de igreja de escola, ou seja, substituir. No entanto, substituir ou trocar de família já não é um procedimento tão simples e fácil. A família acaba por ser o reduto final, sendo o ambiente mais propício para a realização da tarefa educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar que a educação cristã não se limita ao ensino de conteúdo cristão. Há também uma relação com a plena formação do indivíduo nos mais variados aspectos da sua humanidade, a partir de uma cosmovisão cristã. No que tange a quem tem o dever de ensinar, foi abordado o mandato educacional da igreja e a responsabilidade da família.

O texto da Grande Comissão é cristalino, no que tange a essa ordenança de Cristo para igreja, inexistindo limitação geográfica para o ensino, que deverá se manter vigente até a volta de Jesus. A igreja possui, então, esse dever de proclamar e evangelizar. Contudo, há também o dever de integrar e discipular os novos irmãos na fé.

O processo educacional abrange tanto a proclamação quanto o discipulado e comunhão. O batismo, por exemplo, possui esse duplo aspecto, no qual o indivíduo sinaliza o reconhecimento de uma nova vida e da regeneração do Espírito Santo, e se insere em uma comunidade de fé.

No seu dever de proclamar e evangelizar, como cumprimento do mandato educacional, a igreja precisa ter atenção à sua contextualização. Ou seja, saber dialogar com cultura, encontrando elementos capazes de construir pontes relacionais. Isso não significa um posicionamento passivo e nem exageradamente combativo quanto ao apontamento de padrões, comportamentos e aspectos culturais pecaminosos. A igreja precisa ser moderada, dialogal e comunicadora da mensagem que transforma.

No tocante à responsabilidade da família, em que pese ser uma educação de caráter mais informal, trata-se de ensinos valiosos para a vida. Os pais e responsáveis precisam ter esse discernimento de que a responsabilidade pela condução da família é dos adultos. A vontade das crianças, de forma justa e ponderada, pode ser considerar, mas não exageradamente. Dentro do ensino, a repreensão também tem o seu valor na demonstração de afeto, carinho e zelo no pleno desenvolvimento de um indivíduo.

A finalidade do ensino e da educação cristã não é o mero acúmulo de informação. Seja para amadurecimento pessoal ou de uma comunidade de fé, perseverança ou renúncias a desejos pecaminosos, a educação cristã sempre tem uma finalidade de aperfeiçoar o cristão em Cristo, não sendo uma finalidade em si.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor. **Teologia da educação cristão**: a missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2022.

BÍBLIA, **Bíblia Vida Melhor**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014.

ENKVIST, Inger. **A boa e a má educação**: exemplos internacionais. Campinas: CEDET, 2011.

FONTES, Filipe. **Educação em casa, na igreja, na escola**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

GATTO, John Taylor. **Emburrecimento programado**: o currículo oculto da escolarização obrigatória. Campinas: CEDET, 2019;

MADALENO, Marcos. **Criative-se**: liderança, inovação e criatividade. São José dos Campos. Inspire, 2021.

VIDE EDITORIAL. **Biografia de John Taylor Gatto.** Disponível em <https://videeditorial.com.br/emburrecimento-programado?search=gatto>. Acessado em 24 de março de 2025.